

# 1

---

---

## AS MULHERES-SOMBRAS DA CELA 52

Por volta das 8h45 da manhã do dia 19 de julho de 1999, Mayada Al-Askari seguia para seu escritório dirigindo o carro a toda velocidade. O período da manhã era sempre o de maior atividade em sua gráfica e, em vista da grande quantidade de encomendas chegadas no dia anterior, ela sabia que aquelas horas seriam particularmente atribuladas. Ao abrir seu negócio no ano anterior, comprara as melhores impressoras existentes no Iraque e por esse motivo o trabalho da gráfica era considerado o melhor em toda a área de Mutanabi, e Mayada recebia mais encomendas do que podia atender. Aceitava uma grande variedade de serviços, até mesmo desenhos de logotipos, elaboração de textos para embalagens de leite, caixas e garrafas. Também imprimia livros, desde que a encomenda viesse com o selo de aprovação do Ministério da Informação. Mayada conduzia o negócio com tanta eficiência que muitas outras gráficas do distrito repassavam trabalho para ela, que era concorrente, e anunciavam o serviço como sendo delas próprias.

Mayada consultou de relance o relógio de pulso. Ia chegar atrasada. Dobrava velozmente as esquinas, mas cuidava para não exceder o limite de velocidade. A certa altura, olhou para cima através do pára-brisa e viu que o céu escurecia, por causa da areia soprada pelo vento, mais parecendo o de um dia de forte nevoeiro na Inglaterra. O vento soprava com intermitência, em rajadas quentes. Julho não era um mês agradável no Iraque. Mayada ansiava por escapar do calor e tomar um avião para as montanhas do Líbano, mas, como não dispunha de dinheiro de sobra para tirar férias, afastou tais idéias. Estacionou o carro na rua e desceu para a calçada. Para evitar que o vento lhe ferisse os olhos e irritasse a garganta e os pulmões, abaixou a cabeça, cobriu a boca com

a mão e acelerou o passo. Para seu alívio, a porta da gráfica não estava trancada. Sua dedicada equipe já estava trabalhando. Ela contava com um esforçado grupo de trabalhadores, e não apenas porque lhes pagasse salários mais altos do que os outros donos de gráfica. Eram simplesmente pessoas sérias e civilizadas.

Mayada esquadrinhou o escritório com o olhar. Hussain, Adel e Wissam já estavam diante de seus computadores. Ao olhar para a pequena cozinha ao fundo da sala, viu que Nahla fazia café. Nahla sorriu e se aproximou com uma xícara na mão. Antes que Mayada pudesse levar a xícara aos lábios, Hussain e Shermeen vieram em sua direção, falando os dois ao mesmo tempo a respeito dos projetos gráficos em que estavam trabalhando. Foram interrompidos por um novo cliente que irrompeu porta adentro, ansioso para conversar com Mayada. O jovem disse que era um estudante tunisiano e que fora encaminhado por um outro dono de gráfica da região. Ele queria que ela traduzisse e preparasse um questionário para ele. Mayada acertava os detalhes do serviço quando a porta da rua se escancarou e três homens entraram em seu pequeno escritório. O coração de Mayada deu um salto, sentindo imediatamente que os homens eram austeros demais para serem clientes.

— Seu nome é Mayada Nizar Jafar Mustafa Al-Askari? — perguntou-lhe o mais alto dos três.

Mayada espantou-se com a pergunta, pois poucas pessoas sabiam seu nome completo. Estranhou particularmente que tivessem dito “Mustafa”, que ela apenas usava em raras ocasiões, embora o sobrenome lhe fosse motivo de orgulho. “Mustafa” vinha de seu bisavô Mustafa Al-Askari que, como o avô Jafar, fora importante oficial do outrora grande exército otomano.

Mayada permaneceu imóvel, procurando o olhar dos homens à sua frente. Por um momento, pensou em fugir ou responder com rispidez, mas seu pai morrera e ela era divorciada. Como não tivesse homem nenhum na família que a pudesse proteger, murmurou qualquer coisa que soou como “Sim”.

— Sou o tenente-coronel Muhammed Jassim Raheem — apresentou-se secamente o homem alto —, e estes são meus colegas. Vamos revistar o local.

— O que estão procurando? — perguntou simplesmente Mayada, recuperando a voz.

O tenente-coronel ergueu um pouco o queixo, movendo a papada, e disparou, em resposta, cada palavra como se fossem balas.

— Diga você.

Mayada ficou muda, sem saber qual palavra ou gesto poderia salvá-la. Os três homens reviraram as dependências de sua pequena gráfica. Despejaram o conteúdo das latas de lixo, vasculharam sob as cadeiras, abriram aparelhos de telefone com chaves de

fenda. Depois, carregaram seus valiosos computadores e impressoras e os depositaram nos porta-malas dos dois Toyota Corollas brancos, veículos prediletos da polícia secreta iraquiana. Ao vê-los fazer isso, Mayada pensou que nunca teria de novo recursos para substituir os equipamentos. Impotente, assistindo à destruição de seu futuro, lentamente amassou os papéis do estudante tunisiano que tinha nas mãos.

Lançou um rápido olhar aos assustados funcionários, que haviam se juntado num canto da sala, sem sequer ousar respirar. Nahla estava pálida, seus lábios tremiam. O estudante tunisiano soltava risinhos nervosos, esfregando as mãos, lamentando ter entrado na gráfica.

Certa de que também seria levada para dentro do agourento veículo, Mayada implorou ao tenente-coronel que a deixasse dar um telefonema.

— Posso, por favor, telefonar aos meus dois filhos e dizer-lhes aonde os senhores estão me levando?

— Não! — gritou o homem, depois de lançar-lhe um olhar sinistro.

— Por favor, preciso ligar para os meus filhos — disse ela, com o tom de voz mais gentil possível. — Eles não têm ninguém além de mim.

A súplica não sensibilizou o homem.

— Não! — respondeu ele, estalando os dedos para que seus dois acompanhantes a rodeassem.

Espremida entre os dois homens, Mayada foi conduzida para fora. À porta do escritório, olhou para trás, perguntando a si mesma se algum dia haveria de voltar.

Do banco de trás do Toyota, Mayada viu um transeunte compadecido lançar-lhe olhares rápidos e assustados, antes de acelerar os passos.

À medida que o Toyota avançava pelas ruas movimentadas de Bagdá, ela sentia uma espécie de embriaguez crescente. Queria concentrar-se no céu amarelo-alaranjado que rodopiava em nuvens de poeira. A tempestade de areia agora cobria completamente a cidade. Normalmente, sua única preocupação quando os ventos se aproximavam de Bagdá era a de proteger a casa, cobrindo as janelas com cobertores e enfiando jornal debaixo das portas. Esperaria que a fúria dos ventos se acalmasse e, depois, pegaria a vassoura, o pano de pó, e encheria pequenos baldes com a areia acumulada para despejá-la no jardim. Mayada sentiu um nó no estômago.

Olhou pela janela do carro e viu passarem, pobrementemente vestidos, os outrora orgulhosos iraquianos. Vinte anos atrás, quando ela era jovem, o Iraque fervilhava de esperança. O país se vangloriava de suas esplêndidas avenidas, lojas finas, belas casas, de seu futuro promissor. Mas com Saddam Hussein, o Iraque declinou, ficou dilapidado. A corrupção se instalou em todos os setores do governo. Os iraquianos chegaram ao ponto de precisar

permanecer em longas filas para conseguir míseras quantidades de farinha, óleo e açúcar, em troca do petróleo exportado sob a vigência do acordo 661 das Nações Unidas.

Foi um período doloroso para quase todos os iraquianos. Nem mesmo a mãe de Mayada, Salwa Al-Husri, mulher forte, inteligente, determinada a apoiar o Iraque, conseguia manter a fé de que o país logo se recuperaria. Salwa acabou renunciando a seu país e foi viver na vizinha Jordânia.

Os grandes problemas de Mayada começaram depois que ela se divorciou de Salam, em 1988. No ano seguinte, ela deixou o emprego de colunista num jornal e abriu sua gráfica. Houve, porém, uma drástica desvalorização do dinar iraquiano, e ela acabou perdendo tudo. Num mercado de trabalho enfraquecido, Mayada voltou a procurar emprego. Devido às guerras e às sanções, poucos iraquianos tinham trabalho; mas, para as mulheres, o desafio de encontrar emprego era ainda maior. Uma política governamental não expressa mantinha o trabalho para o maior número possível de homens, mas não se preocupava com as mulheres sem marido para sustentar a família.

Com dois filhos para criar e à beira de um total colapso financeiro, Mayada pediu a Deus que lhe concedesse um pequeno milagre.

O milagre aconteceu por meio de Michael Simpkin, um produtor de televisão do Canal 4 britânico. Ele procurou a mãe de Mayada, Salwa, em Amã e pediu sua colaboração para encontrar-se com o primeiro-ministro Tarik Aziz ou com o sultão Hashim, ministro da Defesa. Os contatos e a influência de Salwa eram fortes, e ela possuía os números dos telefones pessoais de altos oficiais do Iraque. Uns poucos telefonemas bastaram para ela colocar Michael Simpkin em contato com burocratas do governo. Assim, o jornalista britânico encontrou-se com Aziz, Hashim e Saad Qasim Hamoudi, o homem responsável pelas Relações Exteriores do palácio de Saddam.

Salwa também encorajou Simpkin, enquanto estivesse no Iraque, a encontrar-se com sua filha Mayada, e ele a visitou em casa, em Wazihya Place, Bagdá. Nessa visita, Simpkin disse a Mayada que precisava contratar um intérprete. Tão logo tomou conhecimento de que Mayada era jornalista e falava um inglês fluente, ele a contratou, concordando em pagar-lhe em dólares dos Estados Unidos.

O programa de televisão de Simpkin, *A guerra pelo Golfo*, foi um sucesso, e quando o jornalista britânico partiu de Bagdá, Mayada fez planos de montar novamente um negócio. Ela já havia conduzido um negócio próprio, que fracassara somente por conta da precária situação financeira do Iraque, não por sua causa. Assim, iria tentar novamente.

Nunca ficara tão satisfeita quanto no dia em que colocou seus dólares na bolsa e entrou numa loja para comprar seis computadores e três impressoras. A alegria foi

ainda maior do que no dia do seu casamento, quando, vestindo um elegante *tailleur* branco, sentiu-se bela pela primeira vez na vida.

Com seus dólares e sua determinação, Mayada voltou ao negócio da gráfica comercial. Com o tempo, e depois de muitas horas de trabalho diário, o pequeno negócio passou a ser lucrativo. Ela alimentava e proporcionava educação aos filhos sem a ajuda de ninguém. O êxito a fez acreditar que os piores tempos haviam passado.

Mas devia ter previsto o que iria acontecer, ela agora dizia a si própria. Em poucos anos, os oficiais do Baath passaram cada vez mais a suspeitar das empresas gráficas, pois os folhetos impressos haviam se tornado um método popular de ataque ao governo de Saddam, que enfraquecia. Embora tomasse bastante cuidado para manter-se livre de qualquer censura oficial, a inocência pura e simples não bastava para garantir a segurança de ninguém.

Quando ela inclinou um pouco a cabeça e olhou pela janela da frente do carro, um medo terrível, como ela nunca havia sentido, apoderou-se de sua mente. Estava a caminho da “Darb Al-Sad Ma red”, a “Estrada da qual ninguém volta”.

Ao ver o caminho pelo qual o carro seguia, Mayada soube que estava sendo conduzida para Baladiyat, o quartel-general da polícia secreta de Saddam, onde também havia um complexo carcerário.

Nunca estivera lá dentro, mas, na época em que a prisão estava sendo construída, passava com freqüência pelo local, de manhã, a caminho do trabalho. Nunca, nem em seus sonhos mais delirantes, imaginara que um dia seria aprisionada naquele lugar. Mas esse dia sequer imaginado acabou chegando, e Mayada temeu que a morte estivesse à sua espera em Baladiyat.

Em poucos minutos, pôde avistar a entrada principal do complexo carcerário. O carro entrou por um portão negro, enorme, grotesco, decorado com dois murais dourados, metálicos, em que Saddam contemplava o povo iraquiano trabalhando nos campos, fábricas e escritórios.

O motorista parou diante de um grande edifício com janelas pequenas, centralizadas na parte de cima da estrutura. Mayada sentiu-se enfraquecer de pavor, e quando os dois homens a puxaram para fora do Toyota, ela notou que as nuvens negras de poeira haviam escurecido completamente o céu. O medo a deixava tonta, mas ela fechou os olhos e respirou fundo, advertindo a si própria que permanecesse no controle de seus sentidos. Buscou energia em seus músculos e forçou-se a olhar para cima. O rosto de Saddam Hussein a olhava fixamente de todos os pontos cardeais.

Mais de uma vez Mayada estivera na presença de Saddam Hussein, próxima o bastante para notar a tatuagem tribal verde-escura que ele um dia tivera na ponta do nariz.

Por toda parte, havia *slogans* do Partido Baath estampados em pôsteres. “Quem não planta, não come.” Mayada não pôde deixar de pensar se um dia haveria de passar fome novamente. Enquanto a conduziam para dentro do edifício, ela ergueu o olhar e rezou. “Deus, permita que Fay e Ali fiquem em segurança e que eu volte para eles.”

Com um homem de cada lado, Mayada foi conduzida escada acima. No alto, encontrou homens magros, de roupas rasgadas, manchadas de sangue, agachados no chão, mãos atadas nas costas. Todos os rostos tinham ferimentos enegrecidos, alguns ainda sangravam. Entre os que estavam agachados no corredor, ninguém falou, mas Mayada sentiu um clima de compaixão sincera acompanhá-la em seu avanço desajeitado, à medida que era puxada em direção a uma sala próxima.

Nesta altura, ela tropeçava e chorava em meio a um pavor absoluto.

Ao contrário de muitas mulheres árabes que sofreram maus-tratos de pais e homens cruéis, Mayada nunca conhecera a dominação e o abuso masculino. Seu pai, Nizar Jafar Al-Askari, sempre fora amável, nunca aceitara a idéia de que os filhos prevalecessem sobre as filhas, embora, no Iraque, o fato de um homem viver cercado de mulheres costumasse ser visto como algo digno de pena.

Quando Mayada nasceu, seu pai preocupou-se até com a reação de Scottie, o querido *terrier* escocês de pelagem negra que ele adquirira na Inglaterra. Pegou Scottie nos braços e levou-o até o quarto para que o cão farejasse os pés de Mayada, firmando os pés da filha como limite provisório para o animal; logo, porém, quando a filha estivesse mais crescida, ele poderia brincar com ela e fazer-lhe companhia.

Nas entranhas do quartel-general da polícia secreta de Saddam, Mayada ansiou profundamente pela presença do pacífico pai. Nunca se sentira tão só, em seus 43 anos de vida, quanto naquele momento.

Com um empurrão, Mayada foi atirada com tal força para dentro da sala que um pé de suas sandálias se soltou. Mal conseguia manter o passo para não cair ao chão.

Atrás de uma mesa, um homem berrava ao telefone. Seu rosto era jovem, mas os cabelos completamente brancos.

Ele bateu o fone no gancho, encarou Mayada e gritou:

— O que você acha que iria conseguir com sua traição?

Mayada passou a chorar ainda mais ao ouvir a palavra “traição”, sabendo que, no Iraque, isso significava morte certa. Levou a mão à garganta e disse, afobada:

— O que quer dizer com isso?

— Vocês traidores têm a ousadia de imprimir folhetos contra o governo! — ele berrou.

Ela não entendeu a acusação. Sua pequena gráfica nunca recebera a encomenda de imprimir folhetos criticando o governo e, se tivesse, ela a teria recusado. Sabia que isso

atrairia a atenção da polícia secreta de Saddam e levaria à morte de todos os homens, mulheres e crianças de algum modo ligados à gráfica. Somente os revolucionários determinados a derrubar Saddam envolviam-se em tais atividades ilegais. Ela era uma cidadã que respeitava a lei e cuidava para manter-se afastada de controvérsias políticas.

Diante de Mayada petrificada, o homem de cabelos brancos gritou:

— Levem essa traidora daqui! Cuidarei dela depois!

Mayada teve medo do que ele quis dizer, mas seus pensamentos voltaram-se para Fay e Ali. No Iraque, quando um membro da família é preso, seus filhos costumam ser capturados e torturados. Ela juntou toda sua coragem e perguntou ao homem de cabelos brancos:

— Para onde está me mandando?

Ele a olhou e gritou:

— Para a detenção!

A formação de Mayada permitiu-lhe a coragem de perguntar:

— Posso, por favor, dar um telefonema?

Mayada era bem-nascida, sabia que todo iraquiano tinha conhecimento do prestígio de sua família e, agindo instintivamente, fez sua ameaça:

— Minha mãe é Salwa Al-Husri.

Os pés do homem ergueram-se alguns centímetros do chão, e ele parou numa posição curiosa para encará-la. Enquanto pensava numa resposta, continuou a manter os pés um pouco erguidos. Em qualquer outra circunstância da sua vida, Mayada teria rido daquela pose ridícula, mas o momento era totalmente desprovido de humor. Mesmo assim, sentiu uma ponta de esperança. Seria possível que o homem não soubesse quem ela era? A aparente extrema surpresa deu-lhe a esperança de que suas palavras pudessem mudar o rumo dos acontecimentos.

— Mais cedo ou mais tarde — ela acrescentou —, o senhor terá que responder a alguém. Minha mãe tem muitos contatos nas altas esferas.

Em câmara lenta, ele baixou os pés soerguidos, mas ela notou que ele continuava pensando. A certa altura, sem dizer palavra, ele lhe entregou o telefone.

As mãos de Mayada estavam tão pálidas que ela se perguntou se o sangue ali não corria. Ela pegou o telefone e ligou para casa, rezando para que os filhos atendessem, rezando para que não tivessem sido capturados. O telefone tocou, tocou.

Ninguém atendeu.

Sem olhar para o rosto do homem, ela tentou controlar o pânico e ligou de novo, na esperança de que, na confusão de seu estado mental, tivesse discado para o número errado.

Enquanto o telefone tocava, o homem permanecia ali, olhando, cabeça inclinada ora para um lado, ora para outro.